

# Visão Sobre a Prof<sup>a</sup> Maria do Carmo Formada ao Longo de Anos de Convivência Profissional

## View About Prof<sup>a</sup> Maria do Carmo Formed Over Years of Professional Coexistence

Maria Célia Nunes Coelho<sup>i</sup>  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Rio de Janeiro, Brasil

Maria do Carmo Corrêa Galvão foi professora e pesquisadora, competente, erudita, intelectualmente honesta e cientificamente rigorosa. Sua identidade construída de pesquisadora profissionalmente comprometida com a Geografia não era, de forma alguma, separável de sua personalidade marcante. Como esquecê-la?

A opção aqui adotada foi por uma forma específica de transmitir minha visão sobre a Prof<sup>a</sup> Maria do Carmo a partir da história de nossa convivência, e pelo que espero ser compreendida pelos leitores. Por opção, propus, neste breve texto, entrelaçar visões sobre sua personalidade com visões sobre seu desempenho acadêmico. Usei o livro *Percurso Geográficos*, de 2009, como referência para minhas citações.

Eu a conheci em 1974. Pertenci à 2<sup>a</sup> turma do curso de mestrado em Geografia do PPGG, recém-criado por ela, e pelos professores Bertha K. Becker e Jorge Xavier da Silva, com a participação das professoras Lysia Bernardes e Therezinha Segadas Soares.

Eu e os demais candidatos ao mestrado nos apresentamos no Largo de São Francisco, onde ainda estava sediado o Instituto de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – IFCS – e, em caráter provisório, o Departamento de Geografia da UFRJ. A Prof<sup>a</sup> Maria do Carmo nos recebeu cordialmente, num comportamento rigorosamente profissional e, após descrever as regras de seleção, nos entregou as questões de prova de interpretação de texto geográfico, cuidadosamente selecionado, e de outra prova para testar nossos conhecimentos na língua inglesa (o que correspondia à guinada da geografia brasileira para a influência anglo-americana em vez da francesa que tinha predominado no sudeste brasileiro desde 1930). Em seguida, ela nos deixou em companhia da Prof<sup>a</sup> Josette Lenz César, também rigorosa e muito neutra. Ficou em mim uma imagem da Prof<sup>a</sup> Maria do Carmo como professora distante, rigorosa e pouco amigável, um modelo de professora educada, distinta, preparada, mas fria e influenciada, certamente, por professores alemães. Essa imagem só se desfez numa relativamente longa história de convivência acadêmica.

Na entrevista referente à seleção de candidatos ao mestrado, a Prof<sup>a</sup> Maria Carmo me fez uma pergunta simples, mas que me preocupou durante toda a minha carreira: o que é Geografia? Tímida, ingênua e, até certo aspecto, ignorante, não me sai bem na entrevista, mas me animei com a despedida da Prof<sup>a</sup> Maria do Carmo, que me desejou

---

<sup>i</sup> Professora Aposentada. mcncelho@gmail.com

boa sorte. Minha inclusão na lista de aprovados surpreendeu-me muito. Conclui que me deram uma chance de apreender ou de descobrir no que consistia a Geografia. Assim, especialmente com os professores Maria do Carmo, Roberto Lobato, Milton Santos e Lia Osório Machado (à época colega de mestrado) aprendi a procurar a perspectiva geográfica nas palestras ouvidas, nos trabalhos dos geógrafos brasileiros de minha época e nos artigos de autores, geógrafos estrangeiros, então lidos.

Entrei para a UFRJ em 1977, como assistente, com o compromisso de trabalhar com a Prof<sup>a</sup> Maria do Carmo no setor de Geografia do Brasil. Eu ministrava as disciplinas Geografia Física e Geografia Humana do Brasil, e ela, Geografia Regional do Brasil. No princípio, eu era treinada a ser professora pela Maria do Carmo. Ela quase sempre exigia uma apresentação preliminar de minhas aulas, nas quais ela dava sugestões.

Com ela aprendi hábitos que me permitiram treinar a pensar geograficamente, bem como valorizar elementos, conceitos, abordagens, teorias e métodos básicos às investigações típicas da Geografia. Faziam parte de seus ensinamentos:

- Valorizar a relação entre sociedade e natureza, reconhecendo as importâncias das interações entre Geografia Física e Geografia Humana. Sua insistência nessa conexão não se dava sem seu reconhecimento das barreiras entre escalas de trabalho de uma e outra abordagem geográfica, bem como dos demais problemas metodológicos enfrentados e não superados por essa associação;
- Ler os autores clássicos da Geografia, nacionais e estrangeiros;
- Prestar atenção às relevâncias dos elementos da análise geográfica, como: localização, posição, distância, formas de relevo, topografia, mesmo que a tecnologia seja fator de flexibilização de seus pesos, nos dias de hoje. Era, particularmente, prazeroso ouvi-la destacar a importância desses elementos na descrição da teoria de Von Thunner, pontuando as vantagens e as limitações de suas aplicações no caso brasileiro;
- Verificar os papéis da Geografia dos Transportes na análise geográfica (vide, nesse caso, o capítulo “Características da Geografia dos Transportes no Brasil”, no livro *Percursos Geográficos*, de Maria do Carmo Galvão, 2009, p. 19-48);
- Aproveitar a presença do Prof. Milton Santos no Departamento, para aprender com ele os conceitos de Tempo, sua relação com o conceito de espaço e de paisagem, aplicados à Geografia;
- Dar importância aos trabalhos de campo (para ela esses trabalhos eram imprescindíveis à análise geográfica), acreditando que as observações *in loco* e as escutas eram fundamentais às compreensões dos espaços;
- Buscar desenvolver o olhar geográfico. A propósito, com ela perdi o olhar turístico, substituindo-o pelo olhar geográfico por meio de constante procura de uma lógica geográfica na organização dos espaços observados. (Para ela, mesmo a paisagem vista da janela de um veículo tinha função relevante para a análise espacial);
- Treinar a observação, despertar em nós a sensibilidade geográfica, dando curso à imaginação e atentando para a diversidade das paisagens. (A observação pode ser essencial para perceber contrastes e para proceder a comparações entre uma

área e as outras). Para ela, do geógrafo era esperado usar “os olhos, a cabeça e os ouvidos”. Assim, saber olhar, perguntar e ouvir as respostas;

- Usar o método comparativo, como forma de diferenciar espaços ou de comparar espaços em diferentes tempos. Tudo isso requeria treinamento.

A Prof<sup>a</sup> Maria do Carmo conciliava a coordenação atenta e eficiente do PPGG com o trabalho de pesquisa e orientações de mestrados. Seu projeto de pesquisa, quando trabalhamos juntas, versava sobre as transformações do espaço agrário fluminense sob o impacto da economia urbano-industrial em expansão no Rio de Janeiro (vide capítulo “Rio de Janeiro: contradições e ajustes de um espaço desigual” no Livro de 2009, p. 87-107; e o artigo “O espaço fluminense: estrutura e transformações”. In: *Anuário do Instituto de Geociências*, UFRJ – CCMN, 1985, p. 74-87). Ela buscava entender o Rio de Janeiro no qual as relações entre campo e cidade se davam num espaço desmatado e desgastado, sujeito à erosão e a economias locais em expansão e outras em declínio. Sua procura por perfeição e seu rigor científico eram tantos que muitos trabalhos que fizemos sobre a expansão da pecuária no espaço do Rio de Janeiro nunca foram publicados, servindo apenas para a formação dos geógrafos e das geógrafas por ela orientados (eu, inclusive).

Após quase 20 anos de estreita convivência, nosso afastamento ocorreu sem trauma em 1987. Por estímulo dela e da Prof<sup>a</sup> Bertha dediquei-me às pesquisas no campo da mineração. Os professores Maria do Carmo, Milton Santos (já em São Paulo) e Maurício de Abreu, especialmente, apoiaram minha ida para os Estados Unidos, para fazer o doutorado. Retornei em 1992, mas em 1993 fui trabalhar na UFPA, em Belém do Pará. Voltei à UFRJ em 2003, quando Maria do Carmo já se preparava para a aposentadoria. Nessa ocasião, a Prof<sup>a</sup> Gisela A. Pires do Rio e eu nos empenhamos na organização de um livro com parte da produção acadêmica da Prof<sup>a</sup> Maria do Carmo, para homenageá-la. Nosso objetivo principal foi deixar para as gerações futuras demonstrativos de seus trabalhos geográficos voltados para a compreensão do espaço fluminense e sua diversidade.

Ao apresentar o livro de 2009, a Prof<sup>a</sup> Gisela e eu buscamos ressaltar as qualidades acadêmicas da Maria do Carmo, sua formação geográfica, suas experiências e seus trabalhos em grande parte orientados pelo Prof. Hilgard O’Reilly Sternberg. Entre seus trabalhos estão: os resultados de seu doutoramento na Alemanha, acompanhados pelo Prof. Carl Troll (que culminaram no trabalho: “Transformações da paisagem e estrutura da Região do Ruwer”, tese defendida em 1962, mas nunca publicada no Brasil); sua viagem pelo Congo Belga; os trabalhos sobre o estado e cidade que acompanharam os guias de excursões atreladas ao XVIII Congresso Internacional de Geografia (1965); a sua coordenação do PPGG (inicialmente, voltado para o curso de mestrado que evoluiu para acrescentar o curso do doutoramento em Geografia); e seus artigos cuidadosamente construídos sobre o espaço fluminense (vide livro de 2009, com artigos mais recentes e textos ligados ao Congresso realizado em 1965).

Seus trabalhos constituem significativas contribuições para a geografia em geral mas, mais especificamente, para a geografia rural, centrada, entre outras abordagens, nas interligações entre as escalas internacional, nacionais e locais/regionais. Em muitos de seus textos buscava justificar o tema escolhido pela importância de distintas perspectivas

escalares, como por exemplo no texto “Características Gerais da Geoeconomia e da Geopolítica Nacionais” (GALVÃO, 2009, p. 49-65).

Maria do Carmo lamentava as ausências de articulações entre geografia humana e geografia física. Tinha especial interesse pelas questões ambientais e se preocupava com os entendimentos dos novos geógrafos sobre a geografia ambiental. No final de carreira, preocupava-se com as concepções dos novos geógrafos sobre ambiente, perguntando-lhes: Qual é o conceito de ambiente utilizado? Sobre isso, escreveu:

Por sua dimensão e complexidade, e independentemente do nível de indagações a que se propunha, o debate da questão [ambiental] pressupõe necessariamente como ponto inicial a concepção de ambiente, da qual dependem posturas metodológicas e operacionais, bem como formas e focos da abordagem da matéria (GALVÃO, 2009, p. 68).

Há de se pensar a concepção de ambiente como produção social que efetivamente é, como todas interações econômicas, sociais e políticas engendradas pela sociedade no processo de sua construção histórica, ...” (GALVÃO, 2009, p. 69).

Para ela, ambientes identificados no espaço fluminense eram espaços construídos e gerados pelas relações de uma economia urbano-industrial e os quadros físicos, no geral, caracterizados por relevos acidentados, desprovidos da vegetação original, marcados pela erosão, e solos cansados ou deteriorados.

A Prof<sup>ª</sup> Maria do Carmo, como ressaltamos na apresentação do livro de 2009, citado anteriormente, foi um exemplo de professora dedicada, competente e treinada, e de pesquisadora sagaz e rigorosa, dotada de imaginação geográfica e de honestidade intelectual e que muito contribuiu para a compreensão da importância da análise espacial bem-feita, razão de pertencer ao ramo da Geografia.

Recebido em: 25/05/2023. Aceito em: 25/05/2023.